

Denver com sua banda, eu apenas os recebo, e quando vêm sem o baterista, eu toco. Tenho evitado tocar bossa nova, mas sempre faço música brasileira. Percebi que não queria mais ser identificado como um baterista que só tocava bossa nova quando vi um filme em que havia na trilha uma faixa de bossa que eu havia gravado. Ela era tocada no momento em que um personagem entrava no banheiro e sofria de prisão de ventre (*risos*)! Nos Estados Unidos a bossa nova até hoje é vista como uma música de elevador. Mas parei quando virou música de banheiro (*risos*).

### **Qual a sonoridade que você busca na sua bateria?**

**CS** - Isso depende muito do tipo de música que você vai tocar. Por exemplo, se for um disco de jazz eu gosto de ter sempre à mão umas 'gelatininhas' que se gruda na pele e que abafa o som, ao invés de colocar espuma com fita adesiva para ficar mais seco. Quando é disco de samba ou bossa nova, também. Mas é bom quando se tira tudo e deixa o som da bateria bem aberto. Mas isso depende muito da acústica do estúdio e dos microfones. Quando eu vou para o estúdio, levo tudo, bumbo grande, pequeno, para poder ter como variar e me adaptar. Acho muito difícil o baterista se manter em uma só afinação. Gosto do prato de condução K da Zildjian, mas uso os da Paiste desde que fui tocar no Festival de Montreux (*Suíça*), onde me tornei *endorser* da marca .

### **Quais são as gravações que você considera mais importantes em sua carreira?**

**CS** - As gravações mais importantes para mim foram a primeira com o Walter Wanderley, que rendeu "Samba de Verão", um som completamente diferente e os discos que gravei com o Jobim. Quando eu estava trabalhando com o guitarrista brasileiro Bola Sete em São Francisco, o Jobim me ligou e chamou para gravar com o Sinatra. Deixei o Bola e chegando lá, o Sinatra me apresentou os trabalhos e gravamos com uma orquestra com os melhores músicos de Los Angeles. O Sinatra tinha um ouvido muito bom, era capaz de dizer que instrumento no meio da orquestra estava dando uma nota errada. Além disso era muito simples. O *Tudo Bem*, disco que gravei com o Joe Pass (*guitarrista*) também foi muito importante, pois tinha músicos muito bons, como Stan Getz (*saxofonista*), por exemplo.

### **Como você vê os seus trabalhos atuais, como o disco com o Teco Cardoso (saxofonista) e as gravações com Dori Caymmi (compositor e violonista)?**

**CS** - Hoje, tudo está muito bom, porque faço trabalhos de música brasileira com pessoas que conheço e que já sabem como toco. Eles me chamam para tocar, e me sinto livre para poder fazer coisas de acordo com meu estilo. Por exemplo, o Dori gosta de gravar sem ensaiar, o que é muito chato por um lado, pois os músicos precisam conhecer a música, enquanto por outro, é bom porque o que fazemos está sempre "fresco", acaba de ser descoberto. Quanto ao Teco, foi um trabalho gostoso de fazer. Ele me convidou junto com o Toni Dumas, baixista de jazz e tocamos uma música num andamento tão rápido, que não sei como fiz para conduzir sem cair duro depois. Estou numa fase em que não tenho que provar nada; me chamam porque já conhecem meu trabalho.

### **Você tem algum projeto solo?**

**CS** - Tenho algumas coisas que gravei no estúdio... Mas não vejo utilidade em gravar um disco só para dizer que gravei. Eu não consigo, não tenho talento para organizar um estilo. Quando o Paulinho da Costa (*percussionista brasileiro radicado há anos nos EUA*) resolveu gravar o disco dele, *Agora*, ele me chamou para ter umas idéias, e já achei super difícil. Se algum dia eu gravar um disco só meu,

vou criar combinações de músicos que me façam tocar melhor e que dêem um complemento.

### **Batera - O que você tem ouvido hoje em dia?**

**CS** - Tenho ouvido mais música clássica do que música popular. Nas populares tenho ouvido um pianista que eu gosto muito, Brad Melhdau. Mas fico indo para trás, vejo que os melhores discos foram feitos na década de 50 e 60, muito mais inventivos e criativos do que agora. Naquela época, os músicos tocavam como o trapezista sem a rede, sem medo de errar. Hoje em dia o marketing e as vendas atrapalham muito a criação.